



DOI: <https://doi.org/10.35699/2237-5864.2022.34849>

SEÇÃO: ARTIGOS

Ação extensionista sobre saúde mental infantil: relato de experiência

Isabela Souza Cruvinel Borges¹
Natália Barreira Silva²
Maria Cecília Inácio³
Ádria Silva Guimarães⁴
Luísa Pessoni de Carvalho Garcia⁵
Milena Vieira Dias dos Santos⁶
Andreia Sousa de Jesus⁷
Stefan Vilges de Oliveira⁸

Como citar este documento – ABNT

BORGES, Isabela Souza Cruvinel *et al.* Ação extensionista sobre saúde mental infantil: relato de experiência. *Revista Docência do Ensino Superior*, Belo Horizonte, v. 12, e034849, p. 1-18, 2022. DOI: <https://doi.org/10.35699/2237-5864.2022.34849>.

Recebido em: 24/06/2021
Aprovado em: 05/11/2021
Publicado em: 06/06/2022

¹ Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, MG, Brasil.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-2361-0349>. E-mail: isabelascborges@gmail.com

² Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, MG, Brasil.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-1616-7003>. E-mail: nataliabarreira10@gmail.com

³ Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, MG, Brasil.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-3382-3172>. E-mail: mariaceciliainacio99@gmail.com

⁴ Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, MG, Brasil.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-9220-4291>. E-mail: adriaguimaraess@gmail.com

⁵ Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, MG, Brasil.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-8689-6244>. E-mail: luisapcgarcia@gmail.com

⁶ Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, MG, Brasil.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-6724-2467>. E-mail: milenvds15@gmail.com

⁷ Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, MG, Brasil.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-1216-5000>. E-mail: andreiadejesus@ufu.br

⁸ Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, MG, Brasil.

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-5493-2765>. E-mail: stefan@ufu.br

Ação extensionista sobre saúde mental infantil: relato de experiência

Isabela Souza Cruvinel Borges, Natália Barreira Silva, Maria Cecília Inácio, Ádria Silva Guimarães, Luísa Pessoni de Carvalho Garcia, Milena Vieira Dias dos Santos, Andreia Sousa de Jesus, Stefan Vilges de Oliveira

RESUMO

Este artigo objetiva relatar uma ação extensionista realizada no campo da saúde mental com alunos de quarto e quinto ano de uma escola estadual de Uberlândia, Minas Gerais. Busca-se evidenciar os aspectos formativos dessa ação para acadêmicos de Medicina, bem como incentivar e auxiliar outros pesquisadores a trabalharem com demandas semelhantes nas escolas. Em 2019, um grupo de estudantes de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia visitou uma instituição de educação básica visando a promoção de saúde. Utilizou-se o Arco de Maguerez para sistematizar a ação, concluindo-se pela necessidade de instigar, nos alunos, autoestima e autocuidado. Realizaram-se, então, duas dinâmicas baseadas nos conceitos de *Apresentação à Mineira* e *Teatro do Oprimido*, de Augusto Boal, além de rodas de conversa sobre redes de apoio. As crianças participaram ativamente e demonstraram capacidade de compreensão e reflexão. Essa ação mostrou-se relevante para a formação dos graduandos, que perceberam a importância de uma abordagem adequada para os infantes na promoção de sua saúde.

Palavras-chave: saúde mental; educação em saúde; integração universidade-escola; extensão na Medicina; apoio social.

Acción extensionista en salud mental infantil: informe de experiencia

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo relatar una acción de extensión realizada en el campo de la salud mental con estudiantes de cuarto y quinto año de una escuela pública de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. Se busca resaltar los aspectos formativos de esta acción para los estudiantes de Medicina, así como incentivar y ayudar a otros investigadores a trabajar con demandas similares en las escuelas. En 2019, un grupo de estudiantes de Medicina de la Universidad Federal de Uberlândia visitó una institución de educación básica con el objetivo de promover la salud. Se utilizó el Arco de Maguerez para sistematizar la acción, concluyendo en la necesidad de inculcar en los estudiantes la autoestima y el autocuidado. Luego hubo dos dinámicas basadas en los conceptos de *Apresentação à Mineira* y *Teatro do Oprimido*, de Augusto Boal, además de ruedas de conversación sobre redes de apoyo. Los niños participaron activamente y demostraron capacidad de comprensión y reflexión. Esta acción demostró ser relevante para la formación de los estudiantes de pregrado, quienes percibieron la importancia de un abordaje adecuado del infante en la promoción de su salud.

Palabras clave: salud mental; educación para la salud; integración universidad-escuela; extensión en Medicina; apoyo social.

Extensionist action on child mental health: experience report

ABSTRACT

This article aims to report an extension action carried out in the field of mental health with fourth and fifth grade students from a state school in Uberlândia, Minas Gerais, Brazil. It seeks to highlight the formative aspects of this action for medical students, as well as to encourage and help other researchers to work with similar demands in schools. In 2019, a group of medical students from the Federal University of Uberlândia visited a basic education institution aiming at health promotion. The Arch of Maguerez was used to systematize the action, concluding on the need to instill, in students, self-esteem and self-care. There were then two dynamics based on the concepts of *Apresentação à Mineira* and *Teatro do Oprimido*, by Augusto Boal, in addition to conversation circles about support networks. The children actively participated and demonstrated the ability to understand and reflect. This action proved to be relevant for the training of undergraduates, who realized the importance of an adequate approach to infants in promoting their health.

Keywords: mental health; health education; university-school integration; extension in Medicine; social support.

INTRODUÇÃO

Os conceitos de automutilação e de autoextermínio vêm sendo muito discutidos devido ao crescimento das taxas de depressão na atualidade. Considerada pela Organização Mundial da Saúde um problema de saúde pública global, a doença causa, no mundo, uma média de 3000 suicídios por dia (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2012).

A atitude de se autoflagelar foi descrita por Simpson (2001) em dois tipos, dissociativo e não dissociativo. Ambos estão intimamente relacionados a eventos ocorridos na infância do indivíduo: o primeiro decorre da falta de carinho e cuidado dos responsáveis ou, até mesmo, da crueldade por parte dessas pessoas; o segundo, por sua vez, é resultado da necessidade de cuidado precoce das crianças para com os adultos da família. Essa inversão de papéis, devido à responsabilidade precoce que acarreta para crianças e adolescentes, faz com que o indivíduo sinta que não pode expressar a própria raiva com ninguém além de si mesmo, possivelmente gerando, no futuro, comportamentos autodestrutivos.

Os comportamentos descritos na literatura, embora ligados à infância, ocorrem, em sua maioria, entre adolescentes e adultos. Entretanto, em uma escola de educação básica da rede pública de Uberlândia, no estado de Minas Gerais, notou-se uma demanda incomum: atitudes autodestrutivas foram relatadas entre crianças de 9 a 12 anos, cursando quarto e quinto ano na instituição.

Dessa forma, um grupo de estudantes do curso de graduação em Medicina da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) propôs uma atividade interventiva a fim de, não só identificar as causas desse comportamento, mas também de incentivar a empatia, o autocuidado e a busca por auxílio por quem sofre com situações que possam levar a esse tipo de ação.

O relato dessa experiência faz-se necessário devido ao cenário delicado e pouco explorado da saúde mental infantil. Ainda são escassos os dados na literatura sobre o tema e, principalmente, sobre as estratégias a serem adotadas, uma vez que elas devem abranger as diversas particularidades demandadas pelos infantes.

Portanto, este relato de experiência tem como objetivo evidenciar os aspectos formativos, para acadêmicos de Medicina, de uma ação extensionista sobre saúde mental. Assim, espera-se ainda proporcionar um ponto de partida a quem decidir trabalhar com as mesmas condições – crianças em situação de sofrimento psíquico. Além disso, espera-se incentivar outros pesquisadores, especialmente discentes, a adentrar o campo das escolas básicas, a fim de identificar demandas semelhantes às relatadas aqui, e então buscar alternativas que promovam a saúde e o bem-estar de crianças e adolescentes.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

A 92ª turma de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia realizou, no segundo semestre de 2019, uma atividade no eixo de Educação em Saúde, prevista no plano de ensino de Saúde Coletiva, visitando uma escola pública do município de Uberlândia para desenvolver uma ação de extensão. Um grupo de 12 estudantes da universidade visitou uma escola estadual, no bairro São Jorge, efetuando a ação com crianças dos quartos e quintos anos (cerca de 150 alunos). Para avaliar objetivamente a eficiência do projeto para os discentes participantes, foi aplicado um questionário por meio da ferramenta on-line *Formulários Google*, com a devida autorização de todos que preencheram para apresentação dos dados neste relato de experiência.

A fim de melhor compreender a realidade das crianças com as quais os acadêmicos trabalhariam, buscou-se levantar dados sobre o contexto socioeconômico delas, por meio de um breve estudo do bairro onde a instituição de ensino se localiza. Segundo informações da Prefeitura Municipal de Uberlândia (2010), o bairro São Jorge está localizado no setor sul do município e é um dos maiores da cidade, com aproximadamente 26.564 habitantes. Apesar de ter sido oficialmente criado em maio de 1996, o local já existia havia alguns anos. Sua povoação foi consequência de um processo de urbanização carregado de marginalização, uma vez que, à medida que a indústria e o comércio surgiram na cidade, a população de baixa renda se alojou na periferia, em contraste com a classe média em ascensão, que morava próxima aos centros urbanos. Dessa forma, surgiram bairros como o São Jorge, todos ocupados irregularmente e que, na sua origem, não contavam com serviços básicos – a exemplo de rede de esgoto e coleta de lixo – mas que, ainda assim, continuaram crescendo em função do preço mais acessível dos lotes (MELO; ORLANDO, 2013). Apenas na década de 1990 a microrregião foi regularizada e reconhecida como bairro, mas ainda perpetuam alguns traços de região periférica, como altos índices de violência. Cientes de que essa realidade influencia a vida dos indivíduos, os alunos de Medicina envolvidos na ação tiveram maior clareza sobre o contexto social no qual os infantes encontravam-se inseridos.

Para realizar a ação, foi utilizado o Arco de Maguerez como metodologia de problematização. Esse procedimento é constituído de cinco etapas, as quais devem ser baseadas na realidade social (FIGURA 1). O método ativo é fundamentado na constatação de um contexto concreto e, posteriormente, na resolução do problema, sendo, dessa forma, ferramenta da Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL – *Problem Based Learning*). O recurso promove a autonomia intelectual do aluno, assim como o pensamento crítico, tendo potencial de preparar o estudante para uma atuação política da profissão (PRADO *et al.*, 2012).

Ação extensionista sobre saúde mental infantil: relato de experiência

Isabela Souza Cruvinel Borges, Natália Barreira Silva, Maria Cecília Inácio, Ádria Silva Guimarães, Luísa Pessoni de Carvalho Garcia, Milena Vieira Dias dos Santos, Andreia Sousa de Jesus, Stefan Vilges de Oliveira

A preparação do cenário deu-se em uma escola estadual de Uberlândia, na qual foram identificados problemas relacionados à saúde mental entre os estudantes. A questão foi apresentada pela coordenação da instituição, substituindo, assim, a formulação de um tema em sala de aula, como prediz a primeira etapa do método do Arco de Magueréz (PRADO *et al.*, 2012). Esse contexto foi estudado pelos graduandos de Medicina da UFU, estabelecendo pontos-chaves (segunda etapa do Arco de Magueréz), os quais foram aprofundados com subsídio teórico (terceira etapa do Arco de Magueréz), trazendo hipóteses de causa e de solução do problema elencado (quarta etapa do Arco de Magueréz). Após esse momento, os estudos foram aplicados à realidade da escola, completando, assim, a quinta etapa do arco.

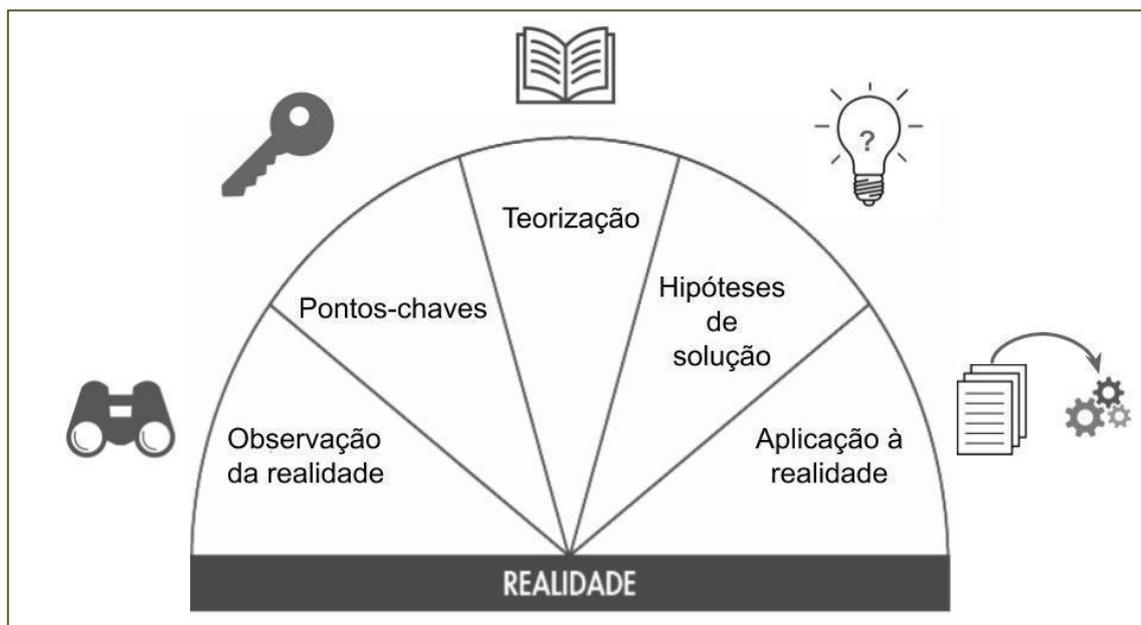


Figura 1 – Etapas do Arco de Magueréz

Fonte: reproduzida pelos autores, com base em Prado *et al.* (2012, p. 5)

Aprofundando na experiência, pode-se constatar que a primeira visita à escola foi realizada com o intuito de observá-la e de obter algumas informações. A coordenação da instituição relatou que alguns alunos estavam se automutilando, tendo ocorrido, inclusive, um caso de suicídio em 2018. Tal situação, somada à percepção de uma falta de utilização de redes de apoio pelos alunos, culminou em uma demanda voltada para a saúde mental das crianças e dos adolescentes. Esse cenário causou preocupação, pois estudantes do terceiro período do curso de Medicina não estão devidamente preparados para lidar com um assunto de tamanha complexidade, o que reforçou a necessidade de um subsídio teórico mais abrangente sobre o assunto.

Após a observação, o estabelecimento de pontos-chaves para sistematizar a ação baseou-se na saúde mental dos estudantes da escola estadual e na conscientização deles sobre redes de apoio. O levantamento bibliográfico foi fundamentado em motivos que poderiam levar os

Ação extensionista sobre saúde mental infantil: relato de experiência

Isabela Souza Cruvinel Borges, Natália Barreira Silva, Maria Cecília Inácio, Ádria Silva Guimarães, Luísa Pessoni de Carvalho Garcia, Milena Vieira Dias dos Santos, Andreia Sousa de Jesus, Stefan Vilges de Oliveira

alunos a apresentarem uma desarmonia em sua saúde mental e em medidas de contenção a serem tomadas e que pudessem auxiliá-los em uma ação de curto prazo. Com a finalidade de colocar em prática os conhecimentos adquiridos e, levando-se em consideração a delicadeza do assunto, foram elaboradas algumas hipóteses sobre quais seriam as causas do problema, tais como conflitos familiares, bullying e baixa autoestima. Houve uma segunda visita à escola, quando foi apresentado à direção o projeto da ação. Desse modo, a ação extensionista foi realizada na terceira visita.

As pesquisas bibliográficas apresentaram diversas abordagens, uma delas, a Educação Popular em Saúde, baseada em um movimento pedagógico da década de 1960 que seguia os preceitos de Paulo Freire. Dessa forma, essa ferramenta é utilizada para emancipar os estudantes, levando-os a problematizar, aprender e identificar seu lugar no mundo (PEDROSA, 2021).

A primeira dinâmica realizada com os alunos foi a *Apresentação à Mineira*, uma prática da Educação Popular em Saúde, elencada nos estudos bibliográficos na terceira fase do Arco de Maguerez. Esse conceito de apresentação foi abordado por Augusto Boal (2006) no livro *Jogos para atores e não atores*, preconizando exercícios teatrais simples, porém capazes de auxiliar nas transformações sociais.

Realizada em quatro etapas, a dinâmica possuía o objetivo de extrair e exteriorizar qualidades positivas de cada participante, além de fortalecer o vínculo entre os colegas (FIGURA 2).

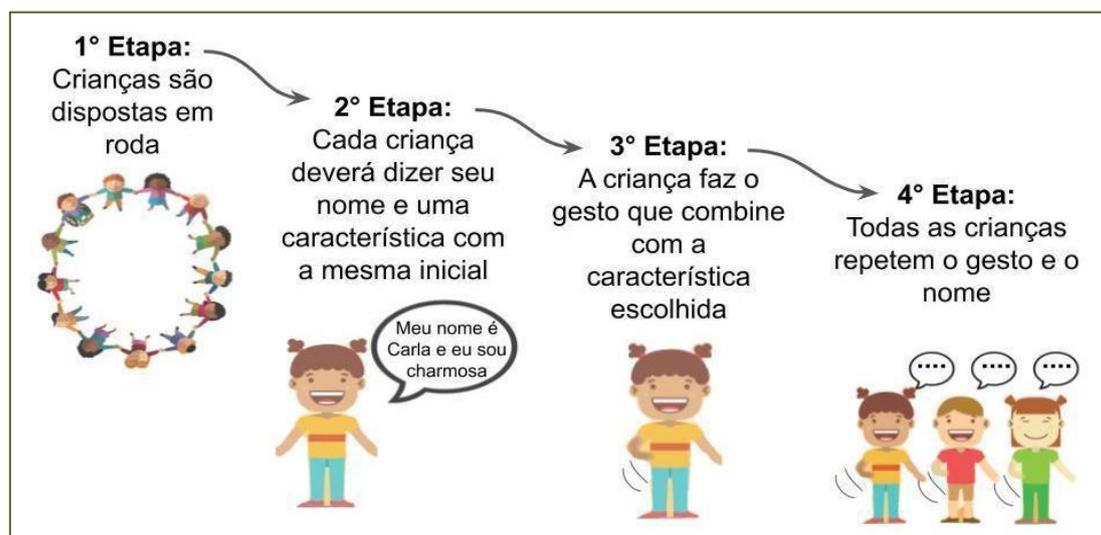


Figura 2 – Etapas da dinâmica realizada com base na *Apresentação à Mineira*
Fonte: elaborada pelos autores (2019).

Algumas crianças apresentaram resistência inicial para participar da atividade. Nesse momento, os estudantes de Medicina e os demais alunos do grupo sugeriam adjetivos

Ação extensionista sobre saúde mental infantil: relato de experiência

Isabela Souza Cruvinel Borges, Natália Barreira Silva, Maria Cecília Inácio, Ádria Silva Guimarães, Luísa Pessoni de Carvalho Garcia, Milena Vieira Dias dos Santos, Andreia Sousa de Jesus, Stefan Vilges de Oliveira

positivos, a fim de incentivar a inserção de todos na dinâmica. Tal atitude foi de extrema importância para que o objetivo da atividade fosse atingido. Ao final desse primeiro contato, as duas equipes, a dos estudantes de Medicina e a dos alunos da escola, estavam consideravelmente mais próximas, o que possibilitou o início da segunda dinâmica com maior facilidade.

Em seguida, foi realizada uma atividade baseada no conceito de *Teatro do Oprimido*, também criado por Boal (2005). Campos, Panúncio-Pinto e Saeki (2014) afirmam que essa forma teatral facilita o diálogo com os espectadores, tendo em vista que eles não são meros observadores, mas sim sujeitos ativos nessa construção de saberes. Isso porque no *Teatro do Oprimido* não há distinção entre elenco e público, já que os espectadores são convidados a participarem do desenvolvimento das cenas e, assim, todos trabalham juntos na resolução das problemáticas apresentadas.

Como forma de tentar tornar efetivas a participação e a compreensão das crianças, foi realizada uma pequena encenação, semelhante ao *Teatro do Oprimido*, retratando algumas das várias dificuldades que elas enfrentam nesta idade (dos 9 aos 12 anos). O exercício era composto por três cenas de opressão: uma relacionada à dificuldade de aprendizado na escola, outra sobre bullying e a última, sobre conflitos familiares. As crianças foram convidadas a atuarem como os opressores, ao contrário do *Teatro do Oprimido* original, em que o público é chamado para participar nos papéis de quem sofre a opressão. Isso porque objetivava-se gerar desconforto e angústia nos infantes ao cometerem tais atos, visando instigar, nos alunos da escola, empatia para com aqueles que são vítimas de opressão, além de promover reflexão a respeito da maleficência e da hostilidade dessas práticas.

Na primeira cena, foi retratada uma situação de dificuldade na resolução de um exercício de matemática. A atriz principal, uma estudante do grupo da universidade, pedia ajuda a colegas que estavam próximos a ela, interpretados por três crianças escolhidas do público. Conforme orientado anteriormente, as crianças se recusavam a ajudá-la, debochavam de sua dúvida e a insultavam. Então, a protagonista simulava deixar a sala de aula, extremamente triste com o ocorrido e pensativa em relação a formas de resolver essa problemática.

Na segunda cena, representou-se uma circunstância de bullying: a personagem principal era abordada por garotos (interpretados por três crianças) no intervalo entre aulas, que, segundo orientações prévias, sem motivo algum se dirigiam a ela com extrema agressividade, ofendendo-a com xingamentos relacionados à sua aparência, à sua personalidade, entre outras particularidades. Diante disso, ela simulava sentar-se em um local afastado das outras crianças, novamente entristecida.

Ação extensionista sobre saúde mental infantil: relato de experiência

Isabela Souza Cruvinel Borges, Natália Barreira Silva, Maria Cecília Inácio, Ádria Silva Guimarães, Luísa Pessoni de Carvalho Garcia, Milena Vieira Dias dos Santos, Andreia Sousa de Jesus, Stefan Vilges de Oliveira

Por fim, foi encenado um momento de extrema rispidez parental em relação a uma nota ruim em uma prova. A mãe da protagonista perguntava, assim que ela chegava em casa, qual a nota obtida pela criança em uma avaliação de matemática. Apreensiva e amedrontada, a personagem principal tentava explicar que possuía dificuldade em aprender essa matéria (como sugerido na primeira cena), mas a mãe a interrompia muito enfurecida, ordenando que ela fosse para seu quarto. Novamente ela saía de cena bastante descontente e aborrecida.

Logo após o fim da dinâmica teatral, iniciou-se uma roda de conversa com as crianças, a fim de extrair suas percepções. Inicialmente, foi feita uma pergunta para aquelas que participaram do teatro como opressoras: “Como você se sentiu agindo dessa maneira, mesmo sendo apenas uma atuação?”. Tal questionamento buscou analisar se elas reconheciam o caráter opressor dessas ações, bem como para estimular a empatia para com o próximo. Em seguida, perguntou-se para toda a turma o que fariam de diferente se estivessem no lugar dos opressores, com o intuito de avaliar se possuíam conhecimento de como agir de uma maneira melhor e mais empática.

Posteriormente, indagou-se como as crianças achavam que a protagonista se sentia naquela situação, se alguém já havia passado por tais dificuldades (e como se sentiram) e o que fariam/fizeram em cada uma das problemáticas apresentadas. Isso porque se objetivava compreender se os infantes reconheciam a maleficência da opressão (sob a perspectiva do oprimido), gerar autoconhecimento e mostrar pertencimento a um coletivo (já que várias pessoas também sofrem por tais opressões), além de entender se eles conheciam as maneiras de lidar com esses paradigmas.

Apresentou-se, por fim, as possíveis redes de apoio que as crianças poderiam buscar quando necessário. Segundo Cid *et al.* (2019), a intersectorialidade é um aspecto essencial no que diz respeito ao cuidado com a saúde mental infantojuvenil. Diante disso, discutiu-se com os infantes acerca de indivíduos a quem eles poderiam recorrer para obter ajuda, como familiares, amigos, professores, diretores escolares, assistentes sociais, psicólogos, profissionais de saúde, entre outros. Isso para evidenciar que não é necessário enfrentarem dificuldades sozinhos, uma vez que existem diversas possibilidades para obtenção de ajuda nos inúmeros contextos sociais em que estão inseridos.

DISCUSSÃO

A fim de iniciar a ação a partir do Arco de Maguerez, foi realizada, a priori, a observação de toda a dinâmica da escola em questão, tanto dos alunos e da relação deles entre si e com os professores, como da infraestrutura escolar. Durante essa etapa, foram notadas as seguintes características: a estrutura do prédio é capaz de atender as demandas de estudantes e professores e, ainda, demonstra ser planejada para promover a valorização dos alunos, uma

Ação extensionista sobre saúde mental infantil: relato de experiência

Isabela Souza Cruvinel Borges, Natália Barreira Silva, Maria Cecília Inácio, Ádria Silva Guimarães, Luísa Pessoni de Carvalho Garcia, Milena Vieira Dias dos Santos, Andreia Sousa de Jesus, Stefan Vilges de Oliveira

vez que a principal decoração do ambiente é composta por desenhos feitos pelas próprias crianças. Nesse sentido, reconhece-se que a gestão escolar se empenha ao trabalhar a questão da autoestima infantil, pois, segundo Souza (2002), esse sentimento é pautado em aspectos cognitivos e afetivos, os quais são promovidos pela escola e pela família ao se ouvir, escutar e valorizar o ser humano e o que é produzido por ele.

Na segunda etapa, a partir da observação do espaço e de uma breve conversa com a vice-diretora da instituição e com a agente de saúde local, a qual desenvolveu a função de preceptoria, foram levantados os pontos-chaves para que a ação pudesse ser realizada de maneira metódica e organizada. No diálogo com as funcionárias, ambas relataram a grande demanda de se promover a saúde mental dos estudantes, pois eram constantes os casos de automutilação e de quadros depressivos entre os discentes da pré-adolescência e da adolescência. Foi relatado que a escola realizou várias tentativas de promoção do bem-estar dos alunos, mas sem sucesso. A principal estratégia foi a realização de palestras com histórias de superação, como o relato de um atleta paraolímpico.

A partir da observação e do levantamento de pontos-chaves, foi colocada em prática a terceira etapa do Arco: a teorização. Durante duas semanas, os estudantes de Medicina indagaram o motivo de crianças e pré-adolescentes praticarem automutilação, apresentarem depressão e cometerem suicídio em alguns casos. Por meio da leitura de artigos científicos e da conversa com funcionários da escola e com as professoras da disciplina de Saúde Coletiva, foram levantadas as principais hipóteses sobre quais seriam as causas do sofrimento psíquico daquelas crianças. Dentre os motivos mais prováveis, foram citados problemas familiares, bullying, problemas escolares, baixa autoestima quanto à personalidade e à fisionomia e descoberta da própria sexualidade. Foi prioridade dos discentes da universidade considerar que os motivos de tais angústias estão intimamente ligados aos contextos vividos pelas crianças, pressuposto, este, confirmado pela literatura (CID *et al.*, 2019).

A quarta etapa do Arco de Magueres, hipótese de solução, foi motivo de angústia por parte dos graduandos, uma vez que estes não se sentiam capazes de trabalhar um tema tão complexo como é o da psicologia infantojuvenil. Além disso, foram orientados pela agente de saúde a não tratar do aspecto da sexualidade, por uma opção da instituição local. Dessa forma, os alunos da universidade focalizaram trabalhar a temática de saúde mental e autoestima de maneira descontraída, em um primeiro momento, utilizando de uma dinâmica na qual as crianças deveriam falar seu nome e uma característica própria, seguida por outra dinâmica baseada no teatro do oprimido. Essa ferramenta foi escolhida pela sua capacidade de fortalecer a interação social e de promover a transformação, a reflexão e o debate (SANTOS; JOCA; SOUZA, 2016). Ressalta-se que nessa etapa, ao serem expostos a essa realidade das crianças, os discentes de Medicina revelaram sensação de despreparo para lidar com problemas de saúde mental. Na literatura científica, encontram-se currículos

Ação extensionista sobre saúde mental infantil: relato de experiência

Isabela Souza Cruvinel Borges, Natália Barreira Silva, Maria Cecília Inácio, Ádria Silva Guimarães, Luísa Pessoni de Carvalho Garcia, Milena Vieira Dias dos Santos, Andreia Sousa de Jesus, Stefan Vilges de Oliveira

de formação inadequados, em que o ensino de saúde mental acontece em disciplinas com carga horária e conteúdos incertos, dispersos e pouco padronizados (REIS; PEDRAS, 2017). Os currículos dos cursos de graduação em áreas da saúde têm formado profissionais afastados da realidade das profissões, isto é, incapazes de atender as demandas da população (REIS; PEDRAS, 2017). Existe um distanciamento entre o que é ensinado na formação universitária e as reais necessidades de saúde mental da população usuária nas unidades básicas, especializadas ou de alta complexidade.

Posteriormente, organizou-se uma roda de conversa com os alunos, em uma circunstância mais formal, durante a qual se buscou ouvir a turma sobre o que fazer e a quem recorrer em situações de sofrimento. O objetivo final, assim, foi apontar situações que se encaixavam no contexto dos alunos e que poderiam gerar aflição, bem como apontar as principais redes de apoio com as quais poderiam buscar ajuda. A opção pela roda de conversa é justificada pela capacidade que esse instrumento possui de democratizar o diálogo e de desconstruir a relação de poder, pois todos os indivíduos se tornam responsáveis e essenciais para a interação dialógica. Além disso, tal instrumento torna possível a emancipação dos participantes, que buscam – a partir da democratização do processo – a origem de suas histórias (destaca-se, nesse caso, a gênese das possíveis angústias das crianças da escola) e fazem-se efetivamente responsáveis pela sua saúde física e mental (SAMPAIO *et al.*, 2014).

Por fim, foi colocada em prática toda a ação planejada e, assim, efetuou-se a quinta e última etapa do Arco de Maguerez e a observação dos resultados no momento da atividade. A primeira dinâmica, na qual os alunos deveriam falar o nome e uma característica, possibilitou a visão de como as crianças se enxergavam e de como eram vistas pelos colegas. Muitos foram desinibidos e proativos, citando, sem hesitar, o que foi pedido. Porém, uma grande parte da turma demonstrou timidez. Nesses casos, o mais interessante foi ver como os colegas os ajudavam quanto aos adjetivos, pois foram todos positivos, tais como bom jogador, inteligente, amorosa, o que demonstrou a existência de laços afetivos entre eles e o desejo de se ajudarem.

Já na execução do *Teatro do Oprimido*, os acadêmicos esperavam que os alunos se comportassem de maneira tímida, introvertida e apresentassem dificuldade em responder os questionamentos. No entanto, o resultado foi o oposto: tantas crianças se voluntariaram, que houve necessidade de limitar a quantidade de contribuições devido ao tempo disponível. Mesmo sendo apenas uma apresentação de cenas corriqueiras, as crianças assistiram atentamente e se divertiram bastante ao ver os próprios colegas atuando. Ademais, vale ressaltar que muitos manifestaram identificação com as situações, com destaque para a terceira cena, sobre conflito familiar.

Com relação às perguntas, muitos infantess mostraram-se interessados em responder e contribuir para a concretização da roda de conversa. Aqueles que participaram do teatro

Ação extensionista sobre saúde mental infantil: relato de experiência

Isabela Souza Cruvinel Borges, Natália Barreira Silva, Maria Cecília Inácio, Ádria Silva Guimarães, Luísa Pessoni de Carvalho Garcia, Milena Vieira Dias dos Santos, Andreia Sousa de Jesus, Stefan Vilges de Oliveira

(como opressores) disseram que se sentiram péssimos agindo daquela maneira, mesmo sendo apenas uma atuação. Muitos afirmaram que se sentiram tristes, ressentidos e extremamente incomodados por insultarem a protagonista. Paralelamente a isso, toda a turma demonstrou não concordar com as atitudes contra a atriz principal, reforçando que, se estivessem no lugar dos colegas da menina, tentariam ajudá-la com a tarefa de matemática, compartilhariam com a professora sua dificuldade para que ela a ajudasse, tentariam estabelecer laços de amizade, confrontariam os opressores, entre outros.

Posteriormente, informaram que achavam que a protagonista se sentia muito triste, sozinha, deprimida, desanimada, entre outros adjetivos do gênero. Além disso, quando questionados se já estiveram em situações semelhantes de opressão, as respostas surpreenderam, já que não era esperado que a turma falasse abertamente sobre suas próprias experiências, mas houve muitos alunos cujas falas foram "sim". Aos que confirmaram passar por tais dificuldades, foi perguntado o que fizeram a respeito, sendo variadas as respostas: "nada", "falei com a minha mãe", "conversei com um amigo", "pedi ajuda para o meu irmão", "contei para a diretora" etc. Por fim, toda a turma foi instigada a pensar em diferentes formas de lidar com essas problemáticas e a quem poderiam recorrer para obter ajuda. Além do já mencionado, foi citado: tirar dúvidas frequentemente com a professora; confrontar os "valentões"; tentar explicar para a mãe sobre a dificuldade com determinada matéria; pedir ajuda para a professora, para a agente de saúde, para familiares, entre outros.

Para finalizar a ação, os acadêmicos enumeraram, então, todas aquelas redes de apoio às quais as crianças poderiam recorrer em caso de sofrimento psíquico. As principais foram: pessoas de confiança da família, professores, diretores e o agente de saúde atuante na instituição. Tais indicações reforçam o que é apontado pela literatura a respeito da importância do docente no crescimento infantojuvenil, além da necessidade de se aproximar a ação da família à atividade da escola (CID *et al.*, 2019). Além disso, esses pontos de suporte às crianças foram citados com o objetivo de ressaltar o trabalho intersetorial no cuidado à saúde mental de menores de idade, ressaltando os principais órgãos que se encaixam no contexto deles: a escola, a família e a rede de atenção primária à saúde.

Cabe destacar a cooperação dos estudantes da escola que, ainda que tenham mostrado uma inicial timidez, colaboraram em todas as etapas da atividade, fato este que surpreendeu os acadêmicos. Isso porque as crianças mostraram ser capazes de compreender o que é inteligência emocional e como agir em casos de sofrimento. Portanto, a ação revelou que a discussão e a valorização do tema saúde mental infantil transformam professores, profissionais de saúde e alunos, trazendo novas soluções para os envolvidos nesse enorme problema social. Apontou, ainda, que mudanças e adequações na forma como o assunto é trabalhado no ambiente escolar são necessárias e fundamentais para o aperfeiçoamento do cuidado e prevenção de situações extremas, como o suicídio. Logo, os principais desafios

Ação extensionista sobre saúde mental infantil: relato de experiência

Isabela Souza Cruvinel Borges, Natália Barreira Silva, Maria Cecília Inácio, Ádria Silva Guimarães, Luísa Pessoni de Carvalho Garcia, Milena Vieira Dias dos Santos, Andreia Sousa de Jesus, Stefan Vilges de Oliveira

estão na mudança de postura dos profissionais responsáveis pelas crianças, para melhor identificar e encaminhar para ajuda psicológica profissional os alunos que necessitam. Podem, ainda, melhorar a abordagem do assunto com os estudantes, tornando-o mais acessível, objetivando maior efetividade em ajudá-los e maior autonomia dos sujeitos na resolução de seus conflitos.

Por fim, ressalta-se que essa atividade extensionista apresentou vários efeitos formativos para os acadêmicos que dela participaram. Esses discentes puderam compreender de maneira mais efetiva e prática sobre o trabalho multiprofissional na construção de uma rede de apoio que possa atender as crianças. Além disso, foi um desafio para os alunos trabalharem na adaptação de conceitos absorvidos na faculdade em atividades com uma linguagem acessível para o público infantil; esse aprendizado foi de suma importância para melhorar a formação de vínculo com os futuros pacientes e com colegas de equipe.

Nesse sentido, para estabelecer os efeitos formativos de maneira mais objetiva, foi realizada uma pesquisa de opinião por meio de um formulário eletrônico com as seguintes perguntas: “Para você, de 0 (nenhum ganho para a formação) a 10 (ganho expressivo na formação), qual foi o ganho na sua formação acadêmica que a atividade *Ação extensionista sobre saúde mental infantil* proporcionou?” e “A atividade obteve êxito em seu objetivo, no âmbito da formação acadêmica dos estudantes de Medicina participantes?”. Foram registradas 6 respostas (metade dos discentes participantes). Na primeira pergunta, 1 pessoa considerou ganho 8 na formação; 3 pessoas consideraram ganho 9; e 2 indivíduos ganho 10. Na segunda pergunta, todos os participantes da pesquisa de opinião afirmaram que a atividade obteve êxito em seu objetivo.

Além disso, também foram feitas duas perguntas com caráter mais subjetivo para compreender os ganhos percebidos pelos graduandos: “Quais foram os benefícios da atividade para a sua formação acadêmica?” e “Há alguma sugestão sobre como melhorar a atividade, tendo em vista a formação acadêmica dos estudantes de Medicina participantes?”. As respostas para a primeira pergunta apresentaram uma diversidade de apontamentos, como: a experiência prática e o contato com a realidade das crianças; perceber falhas entre o sistema educacional e de saúde e como isso afeta negativamente o bem-estar das crianças e dos adolescentes; compreender a função do sistema educacional e de saúde na promoção de saúde mental para indivíduos nessa faixa etária; conhecer as situações de vulnerabilidade infantil e as condutas necessárias para auxiliar essas pessoas; perceber que crianças e adolescentes conseguem entender os processos de saúde-doença-cuidado e possuem demandas em relação a isso; reconhecer que o curso de Medicina não prepara bem os alunos para atuarem nessa problemática, algo que possivelmente não aprenderíamos fora dessa experiência; analisar como a aplicação do Arco de Maguerez realmente auxilia na autonomia do estudante diante dos cenários que pode encontrar e, ainda, demonstra a responsabilidade que um profissional tem diante da

Ação extensionista sobre saúde mental infantil: relato de experiência

Isabela Souza Cruvinel Borges, Natália Barreira Silva, Maria Cecília Inácio, Ádria Silva Guimarães, Luísa Pessoni de Carvalho Garcia, Milena Vieira Dias dos Santos, Andreia Sousa de Jesus, Stefan Vilges de Oliveira

sociedade; entender a função da rede de apoio para a população infantojuvenil; aprender a pesquisar com subsídio teórico confiável e como isso afeta diretamente a intervenção a ser feita e, conseqüentemente, como isso influencia a vida das pessoas que participam desse processo; aprimorar as habilidades de criação de vínculo com crianças e adolescentes.

As respostas para a segunda pergunta, acerca de sugestões para melhoria da atividade, basearam-se, principalmente, no aumento do número de intervenções, sugerindo um caráter de longo prazo para o projeto, para um efeito mais amplo e para um aprendizado mais consolidado. Além disso, houve respostas como: aumento da autonomia dos estudantes, com menores restrições impostas pela escola; melhor preparo do estudante de Medicina para lidar com situações de maior complexidade, como a saúde mental infantojuvenil; e acompanhamento de um docente durante as atividades, para auxiliar nos problemas encontrados durante a atuação.

Após a ação extensionista aqui relatada, espera-se que esses futuros profissionais sejam mais sensíveis às demandas de saúde e de cuidado para com pessoas com transtornos mentais. A participação dos acadêmicos de Medicina na atividade de extensão proporcionou a eles novas formas de entender o sofrimento psíquico, fortalecendo a interação entre a teoria e a prática, desenvolvendo o pensamento crítico, além de qualificar a futura assistência prestada à população.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Várias expectativas em relação à atividade foram cumpridas. Foi possível estabelecer vínculo com as crianças, houve construção mútua de conhecimento e, portanto, a Educação Popular em Saúde se concretizou. Logo, acredita-se que essa ação teve impacto na formação do grupo de estudantes de Medicina. Entendeu-se a importância do trabalho multiprofissional para construção das redes de apoio, no que diz respeito ao bem-estar psíquico da criança e do adolescente. Compreendeu-se ainda a necessidade de uma abordagem adequada para os infantes, com a utilização de uma linguagem acessível, para que eles compreendam satisfatoriamente as reflexões propostas. Por fim, essa experiência também ressaltou o quanto a saúde mental das crianças vem se deteriorando cada vez mais cedo. A realidade de automutilação e suicídio de infantes foi aproximada do grupo de uma maneira muito mais marcante do que dados ministrados em uma sala de aula.

Outro ponto relevante foi a sensação de despreparo por parte dos discentes de Medicina para lidar com problemas de saúde mental, principalmente infantil. O estranhamento em relação ao assunto revelou a fragilidade do currículo de formação médica. Esse desafio tão presente na atualidade não é abordado nos períodos iniciais do curso, mesmo com os alunos já em contato com pacientes. Desse modo, é preciso que a abordagem de questões

psicológicas e psiquiátricas seja mais bem trabalhada durante a formação acadêmica, a fim de formar profissionais mais capacitados para exercer o cuidado de forma efetiva e integral.

REFERÊNCIAS

BOAL, Augusto. *Teatro do oprimido: e outras poéticas políticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

BOAL, Augusto. *Jogos para atores e não-atores*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

CAMPOS, Fernanda Nogueira; PANÚNCIO-PINTO, Maria Paula; SAEKI, Toyoko. Teatro do oprimido: um teatro das emergências sociais e do conhecimento coletivo. *Psicologia & sociedade*, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 552-561, dez. 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000300004>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822014000300004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 12 fev. 2020.

CID, Maria Fernanda Barboza; SQUASSONI, Carolina Elisabeth; GASPARINI, Danieli Amanda; FERNANDES, Luiza Helena de Oliveira. Saúde mental infantil e contexto escolar. *Pro-Posições*, Campinas, v. 30, e20170093, p. 1-24, abr. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2017-0093>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072019000100509&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 12 fev. 2020.

MELO, Cristiane Aparecida Silva Moura de; ORLANDO, Paulo Henrique Kingma. Análise da formação do bairro São Jorge na cidade de Uberlândia (MG). *Revista Nacional de Gerenciamento de Cidades*, [S.l.], v. 1, n. 7, nov. 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.17271/23188472172013531>. Disponível em: https://www.amigosdanatureza.org.br/publicacoes/index.php/gerenciamento_de_cidades/article/view/531. Acesso em: 17 fev. 2020.

PEDROSA, José Ivo dos Santos. A Política Nacional de Educação Popular em Saúde em debate: (re) conhecendo saberes e lutas para a produção da Saúde Coletiva. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 25, e200190, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/Interface.200190>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/b4vyq3gCDv3VT5BgKRvVYQD/?lang=pt>. Acesso em: 7 set. 2021.

PRADO, Marta Lenise do *et al.* Arco de Charles Maguerez: refletindo estratégias de metodologia ativa na formação de profissionais de saúde. *Escola Anna Nery*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 172-177, mar. 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-81452012000100023>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452012000100023&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 23 fev. 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA. *População por bairros*. 2010. Disponível em: http://servicos.uberlandia.mg.gov.br/uploads/cms_b_arquivos/1460.pdf. Acesso em: 08 mar. 2020.

Ação extensionista sobre saúde mental infantil: relato de experiência

Isabela Souza Cruvinel Borges, Natália Barreira Silva, Maria Cecília Inácio, Ádria Silva Guimarães, Luísa Pessoni de Carvalho Garcia, Milena Vieira Dias dos Santos, Andreia Sousa de Jesus, Stefan Vilges de Oliveira

REIS, Alex Gonçalves; PEDRAS, Evelin. Percepção de discentes de Enfermagem de uma instituição de ensino superior sobre o ensino de saúde mental. *Revista Brasileira de Ciências da Vida*, Sete Lagoas, v. 5, n. 4, p. 21-21, 2017. Disponível em:

<http://jornalold.faculdadecienciasdavid.com.br/index.php/RBCV/article/view/439>. Acesso em: 17 maio 2022.

SAMPAIO, Juliana; SANTOS, Gilney Costa; AGOSTINI, Marcia; SALVADOR, Anarita de Souza. Limites e potencialidades das rodas de conversa sobre assistência à saúde: análise de uma experiência com jovens do interior de Pernambuco, Brasil. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 18, supl. 2, p. 1299-1311, 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-57622013.0264>. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832014000601299&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 14 fev. 2020.

SANTOS, Érika Sales dos; JOCA, Emanuella Cajado; SOUZA, Ângela Maria Alves e. Teatro do oprimido em saúde mental: participação social com arte. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 20, n. 58, p. 637-647, set. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-57622015.0469>. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832016000300637&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 02 mar. 2020.

SIMPSON, Chris. *Self-mutilation*. Greensboro, NC: ERIC Clearinghouse on Counseling and Student Services, 2001.

SOUZA, Célia Maria Moraes de. *A afetividade na formação da autoestima do aluno*. 2002. Orientadora: Rosa Helena Nogueira Ferreira. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade da Amazônia, Belém, 2002.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Depression: a global crisis: world mental health day*. Geneva, Switzerland: World Health Organization, 10 out. 2012.

Ação extensionista sobre saúde mental infantil: relato de experiência

Isabela Souza Cruvinel Borges, Natália Barreira Silva, Maria Cecília Inácio, Ádria Silva Guimarães, Luísa Pessoni de Carvalho Garcia, Milena Vieira Dias dos Santos, Andreia Sousa de Jesus, Stefan Vilges de Oliveira

Isabela Souza Cruvinel Borges

Graduanda em Medicina na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Atualmente é membro da Liga Acadêmica de Cardiologia da UFU. Participou do projeto de extensão *Posso ajudar* Emergencial – Rede Humaniza HC/UFU, de agosto de 2020 a fevereiro de 2021. Ingressou no início de março de 2021 no projeto de extensão GESTAR (Grupo de Estudos Transdisciplinar de Atenção Reprodutiva).

isabelascborges@gmail.com

Natália Barreira Silva

Graduanda em Medicina pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). É integrante da Liga Acadêmica de Urgência e Emergência da UFU. Participou do projeto de iniciação científica voluntária (PIVIC) *Purificação de proteínas da peçonha da serpente Bothrops moojeni com potencial terapêutico*, de 2019 a 2021. Iniciou o projeto *Purificação de proteínas da peçonha da serpente Bothrops moojeni com potencial antitumoral* em 2021 por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC).

nataliabarreira10@gmail.com

Maria Cecília Inácio

Graduanda em Medicina pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Membro da gestão do Diretório Acadêmico Dr. Domingos Pimentel de Uihôa (DADU), na chapa Matriz, e tesoureira da Liga Acadêmica de Pediatria da UFU (LAPED/UFU). Coordenadora Local da Federação Internacional das Associações dos Estudantes de Medicina do Brasil UFU (IFMSA Brazil UFU). Faz parte da coordenação do projeto de extensão Rede TRANSformação, pela IFMSA Brazil UFU, com patrocínio do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA).

mariaceciliainacio99@gmail.com

Ádria Silva Guimarães

Acadêmica de Medicina na Universidade Federal de Uberlândia. Participou do Diretório Acadêmico. Fez parte da equipe de coordenação do projeto de extensão Orienta COVID. Participou da Liga Acadêmica de Cirurgia e Trauma. Realizou o projeto de pesquisa voluntário (PIVIC) com o tema *Percepção da imagem corporal em adolescentes no Sudeste*.

adriaguimaraess@gmail.com

Ação extensionista sobre saúde mental infantil: relato de experiência

Isabela Souza Cruvinel Borges, Natália Barreira Silva, Maria Cecília Inácio, Ádria Silva Guimarães, Luísa Pessoni de Carvalho Garcia, Milena Vieira Dias dos Santos, Andreia Sousa de Jesus, Stefan Vilges de Oliveira

Luísa Pessoni de Carvalho Garcia

Graduanda em Medicina pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), atualmente membro da Liga Acadêmica de UTI e Emergências Médicas (LUTEM). Foi representante de turma e membro do Diretório Acadêmico (DADU), bem como voluntária-extensionista do Projeto *Dê-Lírios* e participante do Comitê de Saúde Sexual e Reprodutiva Incluindo HIV/AIDS, da IFMSA Brasil UFU.

luisapcgarcia@gmail.com

Milena Vieira Dias dos Santos

Graduanda em Medicina na Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Participou da Liga acadêmica de Saúde da Família e Comunidade (LASFC) e atua como coordenadora de extensão da Liga acadêmica de Cirurgia Plástica (LACP). Faz parte da DENEM e do coletivo NEGEX-MG e NACIONAL.

milenavds15@gmail.com

Andreia Sousa de Jesus

Mestre (2017) e Graduada (2014) em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Atuou como professora substituta na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Atuou como Analista Social no Programa de Prevenção à Criminalidade de Minas Gerais. Atuou como professora de Sociologia na rede de educação básica de Minas Gerais.

andreiaJesus@ufu.br

Stefan Vilges de Oliveira

Doutor (2017) em Medicina Tropical e graduado em Ciências Biológicas (licenciatura) pela Universidade da Região da Campanha (URCAMP). Docente adjunto do Departamento de Saúde Coletiva da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e docente permanente da Pós-graduação em Ciências da Saúde da UFU. Atuou como epidemiologista na Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde do Brasil (2010 a 2018).

stefan@ufu.br